

MARIA DILMA TOMA CONTA DO SEU QUIOSQUE E ATENDE AS CHAMADAS DO ORELHÃO: APARELHO, MANTIDO COM ZELO, RESOLVE PROBLEMAS DOS MORADORES QUE NÃO TÊM TELEFONE EM CASA



# “EU AMO ESSE ORELHÃO”

MARCELO ABREU  
DA EQUIPE DO CORREIO

**M**aria Dilma da Silva é uma mulher de fibra. E de paixões avassaladoras. Uma delas fica na porta do quiosque onde passa o dia inteiro. Lá, ela luta pelo trocado do mês. Vende do salgado ao café, quentinho na hora. Conversa com o povo que entra no seu “limpinho e honroso” estabelecimento. Ouve a queixa de um, consola um mais aflito. Sabe das novidades. Curouse até da depressão que viveu depois da morte do marido: “Ave Maria, quando o Joaquim Felisberto morreu eu quase morro junto...”

Uma de suas mais inquietantes paixões é um orelhão, isso mesmo, um orelhão. Pernambucana de Araripina, 54 anos, dois filhos, dois netos, 4ª série primária, ela aprendeu desde cedo que só no gogó poderia conquistar as coisas. Em 1997, ali chegou com o seu quiosque, na QN 318 de Samambaia Sul. Mas mora em Brasília há quase quatro décadas, quando deixou sua terra para ser doméstica em casa de família. Tinha 17 anos.

Para completar a renda da família, apostou que faria do quiosque a extensão da sua casa. E fez. De dia, não pára de atender um e outro. Atende também o telefone que não pára de tocar. À noite, das 22h30 até as 7h, encara a segunda e delicada jornada. Segue para o Hospital São Vicente de Paulo, em Taguatinga, ex-Hpap, que atende pacientes com transtornos psiquiátricos. Lá, vira faxineira. Maria Dilma aprendeu, sobretudo nesse trabalho, que gente é tudo igual, igualzinho mesmo. E que a linha que separa a sanidade da loucura é muito tênue.

E seguiu Maria Dilma, de dia no quiosque e de madrugada no hospital. Um dia, ela perguntou ao marido: “Por que a gente não pede um orelhão? Vai servir todo esse povo que não tem telefone em casa”. Joaquim Felisberto achou a idéia boa.

“Foram dois anos pelejando pra conseguir um”.

Mas um dia ele veio. Maria Dilma e Joaquim Felisberto comemoraram. Ali seria instalado um dos 30 mil telefones públicos espalhados pelo DF e Entorno. O povo da redondeza fez festa. “Chorei de emoção quando falei com minha mãezinha pela primeira vez, em Juazeiro, na Bahia”, recorda. O casal fez do orelhão parte da família. Joaquim Felisberto cuidava dele como se fosse a coisa mais importante de sua vida. Limpava, desinfetava e até brigava com menino que quisesse machucar o aparelho. “Eu dizia ao Joaquim: ‘Homem, tu ainda vai arrumar confusão com as mães desses meninos, se elas te ouvirem falar assim com os filhos delas’. Mas ele nem se importava”, conta Maria Dilma.

Há quatro anos, Joaquim Felisberto morreu. Maria Dilma embarcou numa depressão sem fim. Para não morrer junto, trabalhou como nunca. Durante o dia, a alegria era ouvir o telefone tocar. “Nunca me importei com a zoada dele. Quanto mais ele tocava, mais eu gostava de atender...” E o

aparelho serviu a toda a comunidade que não tem telefone em casa e aos comerciantes próximos.

O borracheiro, o chaveiro, o mecânico, a diarista, o padeiro, o pedreiro, o vigia, a manicure. Até o engraxate. Todos fizeram do orelhão a sua referência. Quando algum deles não podia atender alguma chamada, Maria Dilma sempre estava a postos. “Eu tinha prazer em anotar. Esse orelhão não é meu. É de todo mundo.” O telefone, devidamente cuidado, era tarefa da dona do quiosque. A limpeza, diária. Agora, sem Joaquim Felisberto, o orelhão havia se tornado a companhia fiel de Maria Dilma.

## Surdo e mudo

Há dois meses, o telefone pifou. Entrou para a lista dos cerca de 400 que sofrem ações de vândalos todos os meses no DF. Maria Dilma quase foi à loucura. “Pensei que fosse ficar doida...” Como resistiria viver sem o toque do orelhão? Como atender os recados alheios? E, sobretudo, como falaria com sua mãe, na Bahia? E o povo foi cobrar dela. Queria que ela resolvesse a situação. “Aí, eu disse: ‘Minha gente, eu tô sofrendo tanto quanto vocês. Já liguei e eles ficaram de vir consertar, mas até agora nada’. Eu já não sabia mais o que fazer quando o povo me perguntava por que eu não fazia nada”.

Para falar com a mãe, Maria Dilma teve que andar muito. “Orelhão que funciona aqui é complicado”, revela. Mas ela não desistiu. Insistiu com a empresa. Na manhã de ontem, sem que acreditasse, técnicos que fazem a manutenção nos aparelhos foram até o quiosque da pernambucana. Retiraram o aparelho e, minutos depois, voltaram com um novo. Até a cobertura. Maria Dilma vibrou. Correu para chamar a vizinhança.

Veio o borracheiro Werley Lima, de 21 anos: “Agora, não vou perder nenhuma ligação dos fornecedores”. O chaveiro Adeildo Soares, 45, emendou: “É nosso contato com o mun-

do”. A diarista Ednalva Beatriz Silva, 31, que nunca teve um telefone em casa, comemorou: “Não vou perder mais uma faxina. Tinha que morrer de andar pra poder falar com as patroas”. E a manicure Elisabeth Bonfim, 35, beliscou-se: “Meu Deus, será que é verdade? A gente vai voltar a falar com o povo do mundo?”.

Sentadinha na cadeira na entrada do quiosque, Maria Dalva fez uma chamada. Ligou para a mãe, na Bahia, e disse para Nilza Umbelina, de 82 anos, que agora as duas podem se falar sempre que sentirem saudade. E se emocionou: “A bichinha tá velhinha, não dá mais para passar tanto tempo sem saber notícias”. E o povo, mais uma vez, comemorou. O telefone não parou mais de tocar. E aquela gente usou o único meio de comunicação que possui para se sentir parte de alguma coisa. Ao ver o povo contente, usando o orelhão que trata como se fosse da família, a dona do quiosque reconheceu: “Ele não é meu, é de toda essa gente. Eu amo esse orelhão”. E concluiu, de olho no “bichão” que não parava mais de tocar: “Eu aprendi a viver foi vivendo”. Maria Dilma sabe exatamente o que diz.

“EU JÁ NÃO SABIA MAIS O QUE FAZER QUANDO O POVO ME PERGUNTAVA POR QUE EU NÃO FAZIA NADA”

Maria Dilma, quando o orelhão emudeceu